

AVENÇA

A REGENERACÃO

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendelro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

A VOZ DOS GOVERNANTES Portugal e a Santa Sé Factos & Noticias

NO espaço de poucas semanas os portugueses tiveram ocasião de conhecer algumas ideias de dois membros do governo. Primeiramente em Coimbra o sr. ministro da Justiça, a propósito duma notável reunião de homens de leis, falou de leis, mas disse mais alguma coisa que no momento actual teve repercussão no campo das doutrinas e dos princípios. Depois foi a conferência do sr. ministro da Agricultura. Notáveis discursos os dois, pela categoria mental e política de quem os pronunciou, neles encontramos todas as ideias, doutrinas e factos que não são simples palavras para encher as colunas dos jornais ou preencher o tempo destinado a entreter uma multidão.

Podemos designar os dois acontecimentos como a "voz dos governantes". E' que de facto os dois membros do Governo falaram e pela sua voz falou mais do que o ministro da Justiça e o ministro da Agricultura. O que disseram é duma maneira geral o pensamento de quem tem o difícil encargo de administrar o País, de quem tem o dever de governar a Nação.

Mais uma vez ficou demonstrado que quando é necessário o Governo informa e elucida o País, porque todos os meios são bons para dar conhecimento ao público. A Imprensa, e a tribuna pública são ainda os grandes meios de elucidação geral. E os dois membros do Governo, falando como falaram, não limitaram as suas considerações aos problemas simplesmente enunciados no tema que abordaram porque também entraram em considerações de ordem geral que muito interessa saber.

Quando em Coimbra o sr. dr. Manuel Rodrigues teve de falar desse modo geral a que aludimos não cuidou de saber se entre os homens de leis que o rodeavam e ali foram para lhe prestar homenagem havia quem politicamente não estivesse de acordo com ele.

Por isso mesmo a importância e o valor das suas afirmações. Alargou o seu pensamento ao que neste momento mais necessário se torna estudar e seguir. E como não podia fugir à verdade tanta vez demonstrada de que por detraz de inocentes intuitos, de doutrinas aparentemente tranquilas, de atitudes disfarçadas, estão muitas vezes as causas das intrigas e da desordem, clamou bem alto frases como estas que não queremos deixar de arquivar por delas se concluir a verdade que muitos tentam ocultar e desvirtuar:

«Foi vã em toda a parte a aspiração dos internacionalistas pretendendo opôr ao ideal patriótico o ideal humano e à nação o indivíduo; e há-de ser vã também a aspiração dos economistas, quando pretendem resolver o arranjo do mundo na base de uma melhor arrumação dos negócios. Como a autoridade é força e justiça, é necessário estar atento a estes dois elementos que podem ser perturbados no seu equilíbrio por acção de elementos internos e externos.»

O sr. ministro da Justiça, que é das figuras do Estado Novo a quem a doutrina reformadora dos nossos costumes deve algumas das mais profundas leis, referiu-se às condições em que tem sido possível realizar a obra de que ele é notável colaborador. E referiu-se de modo a todos o compreenderem, ao afirmar entre calorosos aplausos:

«Quando um país encontra o «homem» o seu dever é orientar todas as energias materiais, morais e intelectuais, e com «ele» partir para as realizações. Isto não se afirma por ilusão, nem para despertar confiança, mas porque, como diz o povo, o que está à vista vê-se.»

E é assim mesmo.

P. O.

Publicaram os jornais do dia 25 de Abril a seguinte Nota Oficial da Presidência do Conselho:

«O conselho de Ministros reuniu ontem no Palácio de Belém, sob a presidência do Chefe do Estado, ocupou-se de negociações com a Santa Sé referentes às relações entre o Estado e a Igreja na Metrópole e no Ultramar Português.»

Entre os artigos que à imprensa mereceu esta Nota Oficial destacamos especialmente os publicados pelo «Diário da Manhã» e pelas «Novidades».

Segundo o artigo do «Diário da Manhã»:

«Vamos agora abordar uma nova fase em que, conforme se depreende da Nota oficial, se tratará de fundar no entendimento da Igreja e do Estado uma situação de pleno direito e dessa maneira consolidar quando se realizou no sentido da liberdade religiosa e do ajustamento de superiores interesses mutuos.»

«Não pode um facto tão transcendente deixar de constituir motivo de júbilo sincero para todos os nacionalistas que assim vêm definitivamente proclamada a reconciliação de Portugal com a Santa Sé, porque a Igreja foi, sem dúvida, no decurso da nossa vida histórica, a força dinamizadora das acções sobre-humanas que participaram da natureza do milagre e imprimiram um sentido universal à gente lusitana.»

Por sua vez nas «Novidades» afirma-se que:

«A Santa Sé, com a sua sabedoria e longanimidade, e o Governo português, com o seu bom critério e visão patriótica, saberão o que convem saber em que termos poderá ser levado a efeito esse entendimento honroso que viria pôr fim à violência e confusão do passado e representar, neste ano dos centenários, mais um augúrio faustoso de concórdia e de paz.»

Assim se vai restituindo Portugal a ele próprio—à fé e às tradições que o fizeram glorioso e digno através os séculos»

Um novo livro de Jorge Ramos «A Mitologia Ariana e o Plagiato Judaico»

Foi pôsto à venda o 2.º milhar deste estudo histórico filosófico que abrange as origens dos povos indo-europeus e trata de problemas que preocupam todo o mundo. A questão racista, o conflito entre diversas ideologias, a história das religiões orientais, a influência da mitologia eslava na Finlândia, os antigos cultos de Grécia e de Roma oriundos da Índia, o nazismo e o catolicismo, etc., etc. enchem alguns dos capítulos desta obra.

Pedidos ao autor: R. Nova do Almada 11—3.º E. Lisboa.

Noticiário

A Direcção Geral da Administração Política e Civil, do Ministério do Interior, enviou a todos os Governadores Civis uma circular pela qual se dispõe que os médicos municipais não poderão continuar a residir fora da área do partido onde prestam serviço clínico, a fim de garantir a eficácia da assistência às populações rurais.

O sr. dr. Braga Paixão foi nomeado director geral da Assistência Pública e tomou posse do seu cargo na segunda-feira, 6, com a presença de muitos amigos e admiradores da sua obra de educador.

Encontram-se muito adiantadas as obras do Palácio dos Condes de Almada, que ficará restituído à sua forma antiga. A sua doação ao Estado, pela colónia Portuguesa do Brasil, será feita em 24 de Novembro, efectuando-se o contracto público à maneira do século XVII.

Foi assinado um acôrdo de Trabalho e Assistência entre Portugal e a França. O acto realizou-se, com a maior solenidade, no Palácio das Necessidades, tendo assinado o referido acôrdo o sr. dr. Oliveira Salazar, como Ministro dos Negócios Estrangeiros, e o sr. dr. Amé Leroy, Ministro da França.

No dia 1.º de Maio 35.000 trabalhadores assistiram a espectáculos gratuitos nos Teatros e Cinemas de Lisboa. Como estamos longe da antiga época de motins nas ruas e desordens nos espíritos!

Foi inaugurada oficialmente, com uma viagem em que tomaram parte o embaixador de Espanha e numerosos convidados, a carreira-aérea Lisboa-Madrid. O facto reveste-se de grande importância, sobretudo num momento em que a amizade luso-espanhola é a garantia de paz na península.

Festividade do Mês de Maria

Com a solenidade dos anos anteriores, celebra-se todos os dias na Igreja paroquial desta vila, a prática religiosa do Mês de Maria a que assistem muitos fiéis.

Os correios e a guerra

Em tempo de guerra, o serviço dos Correios e Telégrafos aumenta consideravelmente, como é natural nos países beligerantes. Basta dizer-se, a título de curiosidade, que Berlim envia diariamente meio milhão de bilhetes, cartas e encomendas postais aos soldados da Linha Siegfried. Se juntarmos àquele número o dos jornais, revistas e outras publicações periódicas regularmente enviadas para o «Front», podemos fazer uma ligeira ideia do acréscimo de trabalho que uma guerra provoca naquêlles serviço público.

Portugal, Jardim sem Flores

Não é figura de retórica o chamar a Portugal um jardim. O que também não é, porém, menos verdade é que, nesse jardim, as flores não abundam. O nosso país é, na verdade, mercê do seu clima, da sua situação geográfica, magnífico para a cultura das flores que nêlles se desenvolvem exuberantes e formosíssimas. Falta-nos contudo, o culto da flor que leva os japoneses a considerá-la como emblema nacional e os holandeses a esmerar-se na preparação científica de novas espécies.

Não queremos tanto. Mas desejamos que, no jardim que é Portugal, haja mais canteiros. E que nestes desabrochem as nossas lindas rosas e os formosos gerânios. Que todas as nossas flores se tornem acessíveis, diminuindo o seu custo em função da sua maior quantidade. Que nunca mais se veja um cortejo de flores onde apareça de tudo menos uma flor... E que se reproduzam e multipliquem esses adoráveis jardins suspensos, constituídos por vasos com sardineiras e caixotes com malmequeres, encarrapitados em quartos e quintos andares dos prédios dos velhos bairros lisboetas. Então, sim, Portugal será na verdade um jardim... com flores!

Portugal no Estrangeiro

Toda a imprensa francesa se tem referido com júbilo à designação do sr. Anatole de Monzie, Ministro das Obras Publicas, para na qualidade de Embaixador Extraordinário representar o Governo Francês nas festas comemorativas dos Centenários.

Grande numero de jornais aproveitam a ocasião para recordar a tradicional amizade luso-francesa e o facto de se encontrar a Casa de Borgonha na origem da fundação do Reino de Portugal em 1139; recordam igualmente que o Cardeal de Richelieu se interessou proveitosamente pelo movimento restaurador de 1640, e, finalmente, aludem a fraternidade de armas franco-portuguesas durante a ultima guerra.

Mme Giselle d'Assailly, ao chegar a Paris de regresso ao nosso país, publicou na revista «Front Latin» um artigo em que accentua o interesse para o estreitamento das relações intellectuais luso-francesas da cerimonia do doutoramento «honoris causa» na Universidade de Coimbra do dr. Fliche, decano da Faculdade de Letras de Montpellier e do ciclo de conferências do Instituto Francês de Lisboa.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Panorama

Portugal, de Melgaço ao cabo de Santa Maria, de cabo da Roca a Campo Maior e em todos os seus domínios que o tornam a terceira potência colonial, está-se endomingando para celebrar, com toda a pompa o seu glorioso duplo centenário.

Não obstante o estado de inquietação mundial, quasi todos os países amigos mandam as suas deputações intellectuais participarem do grande certame de que Portugal metropolitano será palco. O Brasil; filho emancipado, mas seu grande amigo, primará na sua representação a avaliar pelo seu pavilhão em construção no Mundo Português.

O Mundo Português, o império português em miniatura, é uma concentração de tipos e costumes regionais que dará uma ideia do que somos e do que valemos. Desenrola-se este lindo quadro dos centenários, na antiga Praia do Restelo, testemunha ocular secular das idas e vindas das naus condutoras dos que «por mares nunca dantes navegados» levaram aos quatro cantinhos do Mundo a civilização cristã, cujo simbolo encimava sempre as velas das nossas Caravelas. Nenhum outro local era mais próprio do que o escolhido e assinalado por duas joias de arquitectura, também testemunhas das nossos glórias medievais: — A torre de Belem, agora liberta da sujeira da fábrica de gaz e mosteiro dos Jerónimos; guarda fiel dos nossos maiores que grandemente participaram dos heroicos feitos de Portugal d'aquele e dalem mar. Bem, muito bem, pois, andou a sábia direcção dos centenários em localizar ali o «Mundo Português».

As comemorações do duplo centenário iniciam-se dentro de poucos dias 4 de Junho é o dia escolhido para o seu começo. Será nesse dia que o venerando chefe do Estado fará subir no vetusto castelo de Guimaraes a gloriosa bandeira de nosso primeiro rei—D. Afonso Henriques. Ali, que foi o bérço do infantil Portugal, fica optimamente bem a alvorada das festas comemorativas da fundação da Nacionalidade Portuguesa.

Vamos, pois, atravessar um glorioso ciclo de festas em tudo dignas do nome português. Para nada lhes faltar, os venerandos prelados portugueses fizeram publicar uma erudita pastoral de sã doutrina, mostrando a colaboração da Cruz e da espada através dos séculos da nossa história e convidando todos os fiéis a prestarem o seu auxilio no momento solene dos centenários da fundação e restauração da independência portuguesa.

Conhecemos o bairrismo português e, por isso, estamos absolutamente certos que nenhum filho de Portugal, deixará de prestar o seu concurso a tão feliz certame.

Ulysses Júnior

Corridas de cavalos em Berlim

O jornal de «Post Lloyd», refere-se à inauguração do desporto da corrida de cavalos que se realizou no passado dia 7 no hipódromo oriental da capital alemã. Entre os 10.000 espectadores, figurava a elite berlinense, tendo as elegantes apresentado pela primeira vez os mais belos modelos da Primavera,

Nota humorística

Figueiró por um canudo...

DIZEM:

- ☞ Que o repórter Z deu a alma a Deus e os ossos ao mafarrico ficando a ser substituído pelo repórter X que mostrará a careca a quem fôr calvo...
- ☞ Que certo menino vai deixando as suas penas pela Praça Malhada...
- ☞ Que certa casa deve ganhar o concurso de exposição de tapetes, lençois, vassouras, cobertores, etc... à janela...
- ☞ Que a seara nascida no lixo de certos telhados promete uma abundante colheita...
- ☞ Que algumas ruas da vila não conhecem o varredor...
- ☞ Que os nabos do jardim há muito que não dão luz...
- ☞ Que o gradeamento do Parque se encontra muito bem polido, devido à roçagem de certa ave...
- ☞ Que se vai aproximando o tempo dos passeios à sombra das cerejeiras da tampada...
- ☞ Que certo menino foi mimoseado com um balde de água pela espinha ao tentar ultrapassar a porta da cozinha...
- ☞ Que vem a caminho do matadouro o boi mais velho do orbe terráqueo.
- ☞ Que os bifes da carne do talho são bons para solar sapatos...
- ☞ Que as duas manas gostam muito de «mirones» à janela...
- ☞ Que o «Erasmus da Praça» prepara uma mirabolante alocação sobre a tuberculose do amendoim...
- ☞ Que certo amigo se perdeu no jardim...
- ☞ Que a chuva da tarde transforma os planos de «Monsenhor Pilol»...
- ☞ Que o homem que morde no beijo... é um colosso em assuntos bélicos...
- ☞ Que há na vila dois «miudos» de ombros potijos...
- ☞ Que uma menina gosta muito do pinhões...
- ☞ Que há quem identificasse uma preciosa mina de diamantes...
- ☞ Que todos os domingos certa ave sai do ninho e vai exhibir a sua plumagem, preta e luzidia, a uma janela da Praça Malhada...
- ☞ Que no regresso é acompanhada por alguém que, com toda a cerimónia, lhe pega por uma asa...
- ☞ Que a luz dos dias... nunca fenece na Praça Brasil...
- ☞ Que numa casa da Praça, a uma terça-feira, se deu um grande fenómeno...
- ☞ Que há quem mandasse vir nova colecção de peles por ter informações seguras de que o inverno tenciona passar o verão entre nós...
- ☞ Que uma menina gosta muito de algumas peças de mobiliário de oliveira...
- ☞ Que uma outra vai à missa de batatas fritas na cabeça...
- ☞ Que alguém já entrou de novo ao serviço... e se prepara para uma aventura...
- ☞ Que o guarda-chuva do M. das A. foi anexado à ordem do Zé Nunes...
- ☞ Que numa tasca da vila há «hiscas» de mantega, com cavritos...
- ☞ Que certa menina todos os dias, de manhã, desce a escadinha acompanhada da mamã, atravessa parte da Praça e dirige-se para sudeste onde se demora meia hora, sempre compondo as suas carepinhas...
- ☞ Que o António... da Botica anda um tanto arrelampado...
- ☞ Que no próximo número haverá novidades de arromba...

Repórter X

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa recadação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Manuel Simões Herdade, S. Paulo - Brasil.
- Manuel Pires, Massachuseth U. S. A.
- Joaquim Soares de Lemos, S. Paulo - Brasil.
- José da Silva Júnior, Lourenço Marques
- Manuel Rodrigues, Aldeia da Cruz
- Antunes & Carvalho, Nodellino

PARA TODOS

por Rui Paiva

Um meu saudoso Professor, grande Mestre e grande Português, que levou a vida inteira a pelajar pela Ciência e que, logo da Mãe-pátria e dos seus, longos de Amigos, ingloriamente baçou para sempre em pleno deserto de Mossamedes—morrendo trabalhando pela Ciência e pelo Império Português—contava frequentemente, a seus discipulos, várias histórias, todas elas encerrando uma alta filosofia, todas elas constituindo um hino ao trabalho. Esse Professor que repousa o sono eterno na Figueira da Foz chamou-se e chama-se Luís Carrisso.

Encarregara — contava-nos o Mestre—Um aluno do Curso Geral de Botânica de fazer um estudo estrutural nas coníferas existentes no Jardim Botânico e na respectiva Mata. Isto passou-se nos primeiros dias do ano lectivo. Os dias voaram, os meses quimaramos na borça e na grandeza e já haviam passado bastantes dias do Natal quando o aluno pensa em começar o seu trabalho. Porém, comentava o Mestre, do pensamento à realização do trabalho decorreram mais de trinta dias. A Páscoa aproximava-se a passos largos e o nosso bom estudante, ou antes, o nosso bom escolar, uma bela manhã, de capa ao ombro e de cabelos ao vento, resolve começar o seu trabalho, dizendo com os seus botões: — agora tem que ser, já vai sendo tempo e mesmo aquela maldita árvore do ponto em breve dará a flor... e tenho que começar a estudar. Levado pela obrigação imposta o aluno entra no Instituto Botânico para encarregar um empregado da colheita do material para o estudo em projecto.

Este desempenhou-se da sua missão mas o rapazinho só passados oito dias apareceu novamente. Quem se rala... e o nosso querido Mestre ia sabendo tudo isto. A muito custo inicia o trabalho, começa fixando os cortes, etc... etc... e um belo dia, já próximo do fim do ano, chega-se junto do Professor e diz que o seu rico trabalho dum ano lectivo, o resultado e o produto das suas muitas horas passadas naquele Instituto, estava tudo lá em baixo, por terra, pois o empregado, sem saber, havia despejado janela fora todos os tubos (e dizia que eram umas dezenas e que cada um representava horas e horas de canseiras). Não disse, porém, ao Mestre que havia dado uns vinte escudos ao empregado, para este, propositadamente, fazer aquele serviço, o que ele, porém, já sabia. E nesta altura o Professor, mostrando-se condoido pelo que havia sucedido ao seu aluno, começa-lhe contando uma história, dizendo-lhe que uma vez um escultor pensava em esculpir, num magestoso bloco de mármore, uma estátua equestre que pela certa, lhe iria levar horas e horas de trabalho. E quando um dia, retocando uma posição... o bloco cai e a estátua equestre partiu-se em duas partes. Mas o escultor não podendo apresentar uma estátua equestre resolve da parte maior fazer um busto. Inicia o seu trabalho e já o busto estava quasi acabado quando, desequilibrando-se, arrasta na queda a sua obra.

Já é azar, dizia o escultor de si para si, mas imediatamente, resolve fazer do pedço maior de mármore uma cruz e logo deitou mãos à obra. Mas mais uma vez a infelicidade o perseguiu e quando dava os últimos retoques num dos ramos da cruz... pouca sorte a do escultor... parte o produto do seu trabalho, o resul-

QUEIMA DAS FITAS

Programa geral

Damos hoje a público o Programa Geral da Queima das Fitas. As tradicionais e sempre brilhantes Festas da sociedade académica de Coimbra, devem este ano revestir-se de extraordinário brilhantismo, dado que o programa se apresenta completo. Dia 24—Tarde de Arte na Faculdade de Letras e Exposição de Pastas de Luxo. Cortejo humorístico «Ila e Volta a Portugal» dos Lentes, em bicicleta. Sarrau de grande gala no Teatro Avenida. Festivais no Parque da Cidade. Dia 25 — Tarde Desportiva e Torneio de Futebol (final) inter-faculdades; Basketball e atletismo por equipas femininas de Lisboa e Porto. Venda da Pasta; Baile das Quatro Faculdades no Ginásio do Liceu de D. João III. Dia 26—Garraçada na Figueira da Foz; neste grande festival taurino em que se celebra o IV Centenário da Marrada toma parte o aplaudido rancho académico, coreográfico e folclórico «Fininhos do Litoral» Marcha Milaneza de 150 figurantes e «Finhos do Litoral», à noite, no Parque da Cidade. Dia 27—Tradicional cerimónia da Queima das Fitas, seguida de cortejo dos novos Quintanistas. Festivais no Parque e nova apresentação dos «Fininhos do Litoral». Dia 28—Dia do Grelado. Bacalhoadas de confraternização dos Quartanistas de todas as Faculdades. Despedida dos «Fininhos do Litoral».

Todos os dias grandes festivais no Parque da Cidade que se apresentarão decorado e profusamente iluminado; nêles tomarão parte os seguintes ranchos:

Fininhos do Litoral — Flores da Beira Mar de Buarcos — Cantarinhas da Figueira Foz—Infantil da Louzã—Rancho de Coimbra—Cavaleiros Luzitanos (infantil) do Porto—Infantil de Soure—Unidinhos da Mealhada e as Bandas da Policia e de Soure.

Gaiteiros — Ranchos — Fôgo de Artificio—Alegria Mocidade—Boa disposição — Humorismo — Curas Radicais.

Deslumbrantes manifestações de vitalidade da Academia de Coimbra.

tado das suas canseiras e arrelias, mas o bom do escultor logo resolve fazer um simples pesa-papeis do bocado maior que ainda podia aproveitar. E assim, trabalhando cheio de boa vontade, o artista não podendo apresentar nem uma estátua equestre, nem um busto, nem uma cruz, acabou por mostrar a sua vontade de trabalhar, vontade firme e inabalável, mostrando a sua obra —um simples pesa-papeis. O aluno ouviu a história, meditou-a e premeditou e acabou por confessar ao seu Professor, seu segundo Pai, o que fizera.

Grande Mestre e grande pedagogo, Luís Carrisso conta hoje, em cada um dos seus alunos, um amigo e um admirador.

E era desta tempera o Homem que levou toda a sua vida trabalhando pela Ciência, em prol da Pátria Portuguesa e em prol da sua muito querida Universidade, a nossa valhinha Universidade de Coimbra. Contar aos novos esta história é prestar homenagem a Luís Carrisso, é mostrar-lhe o quilate do Homem que é filho da posteridade.

Coimbra, 1-5-940,

Correspondências

Chinguar, 20 Fevereiro de 1940

Por telegrama recebido, foi Deus servido levar da vida presente, no dia 16 de Fevereiro pelas 17,30 horas em Benguela, aonde era comerciante, o sr. Francisco Quaresma, natural do Bairro — Figueiró dos Vinhos que tinha vindo para Angola em 1890.

Francisco Quaresma, morreu da idade de 73 anos, deixa 4 filhos maiores, Elvira, António, Cesar e Domingos Quaresma; era filho de Domingos Quaresma e de Maria Mendes, sobrinho do falecido Francisco Simões Agria e cunhado de Domingos Henrique do Colmeal e de Manuel Simões, da Soalhreira e tio da esposa do falecido Manuel Bruno.

A família nutida os nossos pésames.

C.

São habitados os outros planetas?

Serão habitados os outras planetas? A pergunta é velha e quasi todos os sábios respondem que não. A verdade é que para um planeta apresentar probabilidades de ser habitado por seres vivos, é necessário que as suas condições se identifiquem com as da Terra — o que está muito longe de se verificar. Mercurio, por exemplo, encontra-se em condições tais de temperatura que os seus habitantes deveriam ser feitos, pelo menos, de aço, a-fim de não se derreterem. Venus está revestido por um involucro densissimo de anidrido carbónico, Jupiter recobre-se de vastas regiões geladas e é envolvido por uma atmosfera composta de amoniaco e de metano. Apenas Marte oferece melhores condições. Ali, porém, a atmosfera respirável, existe em quantidades mínimas. A própria cor avermelhada de Marte parece dever-se ao facto de ter sido absorvido o oxigénio que, noutras idades, tivesse existido na sua atmosfera. A respiração, portanto, seria impossível, a menos que os hipotéticos marcianos tenham encontrado o meio de recuperar para as próprias necessidades o oxigénio contido nas rochas. Considere-se, ainda, que, em Marte, há também falta de água.

Declaração

José Simões, de Figueiró dos Vinhos, actualmente residente na Figueira da Foz, declara, para todos os efeitos legais, que, a pesar de sua Esposa viver dele separada, é o declarante o administrador dos bens do casal, pelo que, só a elle, devem os arrendatários dos seus prédios pagar ou prestar contas, visto a ninguém ter passado procuração para esse fim.

Mais declara que não autorisa qualquer arrendatário a pagar alguma renda, com a justificação de que a mesma se destina a satisfazer qualquer pensão que o declarante seja responsável para com a dita sua Esposa.

Qualquer procedimento em contrário, justifica, por parte do declarante, intervenção judicial.

Figueira da Foz, 2 de Abril de 1940.

a) José Simões

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS (2.ª Publicação)

Faz-se saber que por este Juízo e sua segunda secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio no jornal desta vila, citando quaisquer credores incertos para virem à execução hipotecária em que é executante António Pereira Junior, casado, do lugar do Val do Barco e executados Joaquim Tomaz e sua mulher Tereza Maria, residentes no lugar dos Pesos Fundeiros, todos da freguesia de Pedrógão Grande, desta comarca deduzirem os seus direitos, como determina o artigo oitocentos e sessenta e quatro do Código do Processo Civil.

Secretaria Judicial de Figueiró dos Vinhos 20 de Abril de 1940.

O chefe da 2.ª secção Joaquim José da Conceição Júnior Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito Themudo Machado
Jornal «A Regeneração»—N.º 506
11 de Maio de 1940

Banco Espírito Santo e Commercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Abílio da Conceição Rodrigues Advogado Tel. 40

Castanheira de Pêra

Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

Venda de propriedades

Vendem-se as da Família Serra de Figueiró dos Vinhos.

Lameiras—Vinhas com muitas árvores de fruto, oliveiras e boas sobreiras.

Chãos de Cima—diferentes prédios com terra de amanhã, oliveiras, videiras, pinheiros, sobreiras e tojeira.

Pinhais nos subúrbios de Figueiró dos Vinhos.

Acitam-se propostas a enviar para

Alfredo Corrêa de Frias
Figueiró dos Vinhos 42

Vende-se Propriedade toda murada num dos melhores bairros e mais saudáveis de Figueiró dos Vinhos; duas frentes uma com a estrada Nacional 48 metros frente lado nascente, outra com a estrada camarária 40 metros lado poente.

Tem eira, casa da mesma e garage, terra de semeadura, vinha e arvore de fruto, mais de mil carros de pedra em paredes já construídas para grande garage, industria ou prédios.

Quem pretender, dirija-se a **Jeronymo R. Pinhão**

VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos

A Casa do GUSTAVO

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.

Organdins lisos e lavrados, tobralecos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kalio, Pyramide e outras marcas tô-las sem defeito. Panos para lençol côr e branco camisas para homem, camisas «Limpo» - venda com garantia - colar indeformável.

Chapeus de cabeça, peugos para homem e crianças.

Todos os Ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

GUSTAVO COELHO GODET

Figueiró dos Vinhos

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clinica geral Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Médico da Casa do Povo

Doenças de Pulmões — Partos Clinica Geral

— Consultório e residência :— Praça José Malhóa.

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal

Clinica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Vende-se

Um guarda louça em estado de novo.

Quem pretender dirija se ao sr. Alvaro de Jesus Mateus em Figueiró dos Vinhos.

Preferam Sempre



PÃO DE LÓ
DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

SANTO ANTONIO DOS MILAGRES
MARCA REGISTRADA

Vendem-se

Cantarias novas com as seguintes dimensões:

2 janelas com 1,20 x 0,75
1 porta » 2,20 x 1,00
1 portão » 2,20 x 1,25
1 sacada » 2,10 x 0,90

Tratar com

Justino Mendes Medeiros
Figueiró dos Vinhos

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Messes António da Conceição

Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragens, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de:

Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-4

- Os melhores preços -



ANTI-MAGNETICO GARANTIDO CONTRA ACIDENTES



Concertam se objectos de ouro, prata relógios grafonolas etc. Preços sem competência

A' venda na Relojoaria de Joaquim Marques Fouto
Praça José Malhóa

Variado e grande mostruário em relógios de parede, bolso, pulso e despertadores

Carreira de Camionetes

ENTRE **Castanheira de Pêra e Lisboa**

DE **BARREIROS & PINAZ**

Garage AUTO-LYZ
Rua da Palma — Lisboa

Nova Carreira de Camionetes

ENTRE **Cabaços e Coimbra**

Diária (Excepto aos Domingos, dia de Natal, Ano Novo e Terça-feira de Carnaval)

Inaugurada no dia 4 de Outubro de 1937

Horário e itinerário

CABAÇOS (partida) 6.45	COIMBRA (Partida) 16.35
Vila Nova 6.53	Pereiros 16.40
Alvaiázere 7.00	Portela do Gato 16.50
Barqueiro 7.20	Chão de Lamas 17.10
Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria) 7.30	Podentes 17.20
Chão de Couce 7.40	Boiça 17.25
Pontão 8.00	Ponte do Espinhal 17.30
Tojeira 8.03	Venda das Figueiras 17.50
Venda das Figueiras 8.10	Tojeira 17.57
Ponte do Espinhal 8.30	Pontão 18.10
Boiça 8.35	Chão de Couce 18.20
Podentes 8.40	Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria) 18.30
Chão de Lamas 8.50	Barqueiro 18.40
Portela do Gato 9.10	Alvaiázere 19.05
Pereiros 9.15	Vila Nova 19.12
COIMBRA (chegada) 9.30	CABAÇOS (chegada) 19.20

P. S. - Desde 16 de Maio a 30 de Setembro, sai a carreira de Coimbra, meia hora mais tarde: Esta carreira recebe pela manhã, no Pontão, passageiros que se destinem a Coimbra, vindos de Castanheira de Pêra, Pedrogão Grande e Figueiró dos Vinhos, nas carreiras que se destinam a Lisboa

Paragem em Coimbra, na Auto-Garage, (junto à Estação Nova do C. de Ferro) — Telefone 701

Os Proprietários, 24-28

A. J. ALVES & C.ª
Maças de D. Maria

CAMISAS LIMPOPE
MARCA REGISTRADA

A única camisa com colarinho indeformável. A' venda no Estabelecimento de **Gustavo Coelho Godet.**

Figueiró dos Vinhos

Inquérito aos novos

- 1.º) Qual deve ser a atitude do intelectual perante a multidão?
- 2.º) A literatura brasileira é ou não susceptível de exercer alguma influência na portuguesa? Porquê?
- 3.º) Como concebe esteticamente a poesia social?
- 4.º) O romancista deve documentar a obra pelo estudo social e observação dos costumes ou adinhar intuitivamente o ambiente e as consequências?
- 5.º) A cultura tem influência na felicidade social? De que modo?
- 6.º) Como estabelecer e aplicar as relações entre a vida e a cultura?
- 7.º) Qual é o papel da chamada Pequena Imprensa no que respeita ao problema da educação popular?
- 8.º) Quais são os factores predominantes na formação da mentalidade infantil? Como corrigi-los?
- 9.º) O conflito entre novos e velhos tem ou não fundamento?
- 1.º) Que pensa da Arte Moderna?

RESPOSTA AO INQUÉRITO DA PÁGINA

«DO ESPIRITO LITERÁRIO»

1.º) A multidão como divinizada de toda a obra, como a verdadeira opinião do mundo, deve ter para o intelectual a importância que reveste como supremo argumento, e mais esta ainda: de que para a consagração do intelectual, é necessário prepará-la para uma melhor crítica, para uma consagração mais consciente. E prepará-la como? Oferecendo-lhe o difícil? O fácil? Nem uma coisa nem outra. Simplesmente o indispensável para que o difícil não seja inacessível e o fácil não se torne réles.

2.º) A resposta é afirmativa. José Régio acha que não. Que aquela parte da literatura brasileira mais apregoada entre nós, ou seja o aspecto social, apenas fará retroceder a nossa. Quere ele dizer que a nossa literatura não pode já encarar o social geral-humano, mas o particularismo humano-psicológico. Pois eu entendo que o que nos falta será susceptível de se apreender, mercê da influência benéfica da literatura brasileira. Falta-nos auscultar aquele sentido do humano que existe no nosso mundo nacional. Uma literatura da terra, uma literatura do mar, uma literatura da cidade. Isso tudo tem o Brasil.

3.º) A nova estética é propícia a uma poesia social. E sobretudo a uma poesia feita não de retorcimentos rítmicos, mas de uma insinuação através os símbolos. A liberdade formal trouxe ao poeta uma melhor expressão essencial. Junqueiro, poeta social, tipo de poeta retórico, devido ao esquematismo do verso clássico, parece-nos mais retórico do que realmente seria se vivesse na época actual. Certas deduções e conclusões suas, surgem nos mais falsas em virtude da prisão formal. Mas entenda-se: se o poeta moderno aboliu a rima e a métrica, não aboliu a forma. E por forma, entendo o ritmo. Ritmo é a nova condição, antes: a nova prisão da poesia. E este sai do próprio conteúdo poético. E' o conteúdo, em última análise, o factor poético. E nada de mais propício ao poeta social, do que o conteúdo comandando toda a poética.

4.º) Deve documentar. Que poderá o romancista produzir de verdadeiro sobre a vida do pescador, se não se integrar no ambiente próprio? A pergunta toca uma das grandes necessidades do romancista português. O intelectual cidadão raro sai da sua cidade, raro deixa a sua mesa do café, para conhecer a vida que pulula na própria cidade. Necessitamos do documento: o romancista que vá para os campos, que vá para as minas, para o mar, para os lugares onde a vida do esforço se agita. Aí poderá ele observar que a psicologia do trabalhador apresenta aspectos tão interessantes como as das personagens tipo *Meninus Diabólicos*, *Aranha* ou *Jogo da Caba Cega*.

5.º) Para quê falar na felicidade social? Porque a felicidade é uma ideia, presente e futura, de tantas relativas consequências, fale-se antes na vida. A cultura influencia a vida como um meio de consciencialização colectiva (aperfeiçoamento) de imagem de arestas, ou ainda como um meio de selecção de conhecimentos.

6.º) Cultura e vida, andam indissolúvelmente ligadas. Dizer-se o contrário é o mesmo que não afirmar coisa nenhuma. Cultura sem aplicação na vida, é peso morto, é, digamos, incultura. Quanto mais culto é um povo, maior o seu poder de transformar a vida. Este o papel da cultura, sinónimo de maior consciencialização dos fenómenos intrínsecos e extrínsecos ao homem. Por seu turno, a vida no seu dever constante, nos seus fluxos e refluxos históricos, leva o homem do «espanto» perante ela, à tentação de melhor a compreender. Como? Por intermédio da cultura. Porém, esta reciprocidade é uma lei do mecanismo histórico e não importa a essa lei que se diga: «para mim os problemas da cultura, para os outros os da vida». Tal proposição é completamente vazia e o tempo se encarregará de o confirmar. Os donos de tais proposições serão condenados pela própria vida e cultura.

7.º) A Pequena Imprensa é o verdadeiro veículo da educação popular, quando bem orientada, pela própria independência de ideias que mantém. A Pequena Imprensa quasi sempre na mão de pessoas desinteressadas das conveniências e conformismos do meio ambiente, é quem impõe os verdadeiros elementos da educação popular. O mundo económico ambiente, alarga-lhe ou diminui-lhe o papel. Ela deverá afastar-se no campo literário dos esteticismos inúteis e proporcionar ao povo uma educação mais consciente e viril de suas possibilidades na vida social.

8.º) Uma falsa educação perante o real, eis a totalidade desses factores. A predisposição psíquica encarrega-se de avolumá-la, dando em resultado um pavor em face da vida que provoca a irresolução constante do homem. A educação deverá ser realista nas ideias inoculadas na criança, fugindo a toda a abstracção, e física proporcionando à criança a convivência com outras (inclusivé as próprias maltrapilhas) por intermédio dos exercícios e jogos.

9.º) Tem. O momento histórico determina este conflito. O momento histórico presente não é o de ontem (verdade do sr. de La Palisse) e ainda que em algumas questões haja velhos-novos e novos-velhos, há sempre duas concepções totais de vida, duas forças opostas: uma geração que já viveu o seu momento histórico é fatalmente dominada por tudo o que determinou esse momento (inclusivé a educação) e pelas consequências resultantes do mesmo. Daí uma fixação de ideias que entrarão em conflito com as ideias da geração seguinte, necessariamente novas.

10.º) Que ela é a Arte do nosso tempo de intensíssima transformação. Arte que já se divide em duas tendências: irreal e real, individual e social, formal e essencial. Todos os ataques à arte moderna são inúteis. Está já demasiado espalhada e praticada para que os atrezados a possam destruir.

Armando Ventura Ferreira

Caderno dum homem vivo...

1 Certas palavras-sonoras, certas frases-feitas certas sentenças—profundas agora muito em voga, apresentam o ar soene, invencível, monumental e inchado dos balões...

E há gente que as adora e outra que delas vive—uns prosternados à frente delas, como se estivessem diante de deuses; outros acomodados à sua sombra, como verdadeiros comerciantes por detrás dos seus balões... E essas palavras-sonoras, essas frases feitas, essas setenças—profundas (como os balões) tornar-se-ão lamentáveis farrapos, inúteis e ridículos, sempre que a lâmina fria duma análise crítica lhes penetre no bôjo—omnipotente e solenemente inchado...

E, para isso — quantas vezes!... basta que uma criouca diga, com na lenda: — «o rei vai nu!...»

2 Na velha fábrica rudimentar, o oleiro vai modelando, com prática e sábia mestria, os bonecos que na feira irão fazer delirar os olhos de toda a gente...

Aquele geito, quasi automático, com que ele modela o barro, parecendo inconsciente, à primeira vista, todos sabem que levou anos a tornar-se fácil, natural e humano. O operário que trabalha na velha fábrica rudimentar, modelando os bonecos, é um trabalhador consciente!

Mas surgiu agora um cliente que fez uma encomenda imensa de bonecos estropiados, de bonecos feios, de bonecos sem alma, deformados e tristes... Bonecos que já não têm parcerças de gente...

E, então, como já não era preciso um artista consciente, foi posto de parte o trabalho do modelador, (que custava mais caro e fazia sempre os bonecos com feições de gente) e mandaram-se vir para a fábrica um sem número de fabricantes de manipansos grotescos que, por cinco-réis-de-mel-coado, fazem tantos quantos os milhões de bonecos que se pedem na formidável encomenda, que há-de pascar a feira toda...

Fica consideravelmente mais barato e os bonecos ficam à vontade do freguês...

E, de tudo isto, o que é mais triste, o que mais comove e revolta, é que, depois, o destinatário da encomenda há-de dizer, num discurso, diante da feira imensa, que aqueles tristes ridículos e deformados bonecos, são homens conscientes, são gente que sabe pensar e exprimir o seu pensamento...

3 O homem só, é uma peça solta dum imenso relógio a que se chama «multidão». E enquanto a esse relógio faltarem peças, nunca ele poderá trabalhar como se deseja... Enquanto houver *desinteressados*, celestes e voluntários prisioneiros da *torre de marfim*, inúteis contempladores do próprio umbigo, homens, (seria justo chamar-lhes homens?) que vivem à margem da vida, a máquina social será sempre incompleta, falhada e rudimentar... Um relógio que não dá horas para todos!...

4 Medalha de duas faces: A Miquinhas costureira tem um namôro—*Um namôro da sua condição*, como diz a vizinhança. E a Miquinhas quando regressa do trabalho, vem sempre de braço-dado com o seu rapaz, que, ao sair da oficina, a vai esperar sempre a casa das freguesas onde esteve a costurar. Aos domingos, ou vão dar juntos seu passeio ao campo, ou vão à sessão de cinema. E, porque eles andam sempre juntos, sempre de braço-dado, já a Miquinhas tem perdido freguesas, porque dizem que *aquilo* se não admite: *que a Miquinhas se porta mal!*

— Sume-tel Cruzes!... Que desafôro!... *Uma desavergonhada!* Uma ordinária que me não volta a cruzar as portas de casa!... Uma *tipa* com amantes!...

E a Miquinhas, no entanto, continua de braço-dado como sempre e, embora menos, continua a trabalhar...

5 D. Mimi joga, fuma, flirta com toda a gente—com toda a gente chique, é bem de ver...—passeia de automóvel, sozinha ou acompanhada de homens que nunca são os mesmos, entra em casa a desoras, faz, enfim, tudo aquilo que lhe dá na real gana...

E toda a roda chique das freguesas que foram da Miquinhas costureira têm os olhos na D. Mimi, como num árbitro de elegâncias e de vida ideal, chique e requintada:

—Oh! A D. Mimi é *bestial!*... É uma verdadeira mulher moderna—uma mulher como deve ser!...

6 Leio nos jornais que, apertado pelos seus inúmeros credores, teve um dia destes *um desastre com arma de fogo* um pobre homem com mulher e sete filhinhos.

E, pelo que entendo da noticia, o pobre homem, como lhe faltava em casa o dinheiro para dar aos credores, pôs-se a procurá-lo dentro do cano da pistola...

...E' claro que não estava lá dinheiro que o desgraçado procurava... Ainda se ele procurasse uma resposta àquele senhor fulano dos *diálogos inúteis* que dizia que o dinheiro não dá a felicidade!...

7 A menina Francisquinha Menezes e Maldonado deixou de ser agora uma menina sem ocupação. Uma menina «doméstica», como vinha no bilhete de identidade...

Agora, é uma pessoa útil, uma pessoa com emprêgo, com uma posição social compatível com os brios da família e com as suas qualidades de menina prendada.

A menina Francisquinha Menezes fez um dia o seu exame de instrução primária e, porque era «a prendada filha do nosso prezado amigo sr. Menezes de Maldonado, da ilustre família, etc...», foi aprovada com distinção, muito embora, fôsse das piores alunas da classe... Tudo isso, porém, já passou há muito tempo e se diluiu numa triste ignorância endomingada e hoje—quem o poderia negar?—a menina Francisquinha Menezes e Maldonado é uma pobre analfabeta... que sabe ler...

Mas aggora tem alunas—muitas alunas a quem vai ensinar a ler, a escrever e a contar...

A menina Francisquinha Menezes e Maldonado vai lutar com todas as suas forças educativas para acabar com o analfabetismo!

Cessem pois as campanhas que por aí se fazem, gritando contra o crime social do analfabetismo em massa. Calem-se, meus senhores! Está aqui a menina Francisquinha Menezes e Maldonado que, junta com outras, com uma infinidade de outras meninas Francisquinhas Menezes e Maldonados, vão resolver, de vez, o momentoso problema...

E, não sei bem porquê, ao acabar de escrever esta nota no meu caderno de homem-vivo, lembrei-me daquela velha fábrica rudimentar, onde o velho oleiro ia fazendo os seus bonecos...

Mário Fernando

Aos Editores

Faremos referência crítica a todos os livros de que nos for remetido directamente um exemplar, além das ofertas pessoais.

Toda a correspondência referente a este *Boletim* deve ser remetida para:

João Tendeiro — *Figueiró dos Vinhos*.